



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

MONTE ALTO: OS PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO E PERMANÊNCIA A PARTIR DA MEMÓRIA DE UM TERRITÓRIO NEGRO NO NORTE DE MINAS

Autores: NATHÁLIA DA SILVA BORGES;

Introdução

Este trabalho contempla a comunidade Monte Alto, que em outubro de 2017 foi certificada pela Fundação Palmares como a primeira comunidade remanescente de quilombo do município de Montes Claros - MG. A pesquisa, em seu formato original, corresponde à construção da dissertação de mestrado em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em História – PPGH da Unimontes. Parte-se do contexto da fundação da comunidade, que remete ao início da década de 1920, até o período de sua certificação, a fim de ofertar subsídios para maximizar o entendimento acerca da formação e constituição da referida comunidade negra do Norte de Minas. Nesse panorama, a pesquisa visa compreender os processos de significação atribuídos às práticas sociais e culturais da comunidade remanescente de quilombo de Monte Alto, bem como suas permanências e reformulações ao longo do tempo a partir da memória de seus integrantes. Para tanto, busca-se entender as acepções atribuídas ao termo “quilombo” para então entender a visão que hoje é atribuída às comunidades remanescentes de quilombo. Pretende-se ainda investigar o processo de formação da comunidade, elucidando as relações de pertencimento vivenciadas/criadas pelos quilombolas, apresentando-os enquanto sujeitos que constroem e reconstróem modos de vida e vivências entre as gerações que os identifica pelas tradições e costumes que são tecidos nas histórias e memórias desses homens e mulheres.

Material e métodos

Para alcançar os objetivos propostos, foi utilizada, a priori, a revisão bibliográfica que permitiu a solidificação dos alicerces teóricos que norteiam o trabalho, sobretudo no que tange às discussões referentes a quilombos e à memória. A história oral, por sua vez, foi usada para viabilizar o estudo das memórias dos integrantes da comunidade, posto que entende-se que ela representa um elemento de constituição significativo do processo histórico, sendo vital para ampliar os horizontes do estudo sobre a referida comunidade. Nesse sentido, a oralidade, enquanto instrumento metodológico, se configura como um fator de grande importância na reconstituição da história da comunidade, haja vista que, historicamente, comunidades como essa estiveram esquecidas, marginalizadas e ameaçadas de desaparecimento. Desta forma, a história oral de vida foi usada com os integrantes mais idosos e a história oral temática com outros moradores. Por fim, a pesquisa documental foi usada em associação às fontes orais, sendo utilizadas atas das reuniões da associação de moradores, fotos pessoais, reportagens, o laudo antropológico apresentado para a certificação da comunidade junto à Fundação Palmares, dentre outras fontes.

Resultados e discussão

Durante muito tempo vigorou no Brasil, no âmbito das discussões acadêmicas, a noção que os quilombos - a “terra de pretos”- era o lugar de negros escravizados que fugiram e viviam isolados, ou ainda um reduto, uma parte da África que fora recriada no Brasil, lugar de gente pobre, inculta e isolada. Em conformidade com Reis e Gomes (1996), os estudos iniciais abalizaram a ideia de isolamento dos quilombos. Não obstante, tal tese já foi superada, haja vista que variadas fontes denotam um fluido relacionamento entre os quilombolas e as populações vizinhas. Segundo Arruti (2008, p. 1-2), quilombo se apresenta como um “objeto em disputa, em processo, aberto”, posto que “entre a enorme variedade de formações sociais coletivas contemporâneas, que derivaram direta ou indiretamente das contradições internas ou mesmo da dissolução da ordem escravista”. O mesmo autor ainda alerta sobre a impossibilidade de deliberar sobre os quilombos contemporâneos associando-os somente aos vestígios do passado, ao isolamento, aos aspectos de rebeldia, ou apenas pelo contingente de membros e pela apropriação singular da terra.

Comungando com Arruti e em detrimento à referida visão reducionista e niveladora, Flávio dos Santos Gomes (2006) lembra que em diversas partes das Américas, libertos, escravos e sobretudo fugitivos, desenvolveram micro-sociedades camponesas, dotadas de roças e extrativismo, em variadas estruturas. Assim, nesta espécie de campesinato negro, era costumeira a relação entre os quilombos e os setores sociais locais, abarcando ainda a miscigenação com grupos indígenas. Querino (2006) ratifica as ideias supracitadas ao afirmar que os processos sócio-histórico, espacial e cultural das humanidades se mostrarão de forma mais clara caso sejam observados sob a óptica da liberdade constatada na aguda e persistente formação de quilombos, bem como nas singularidades do processo sócio-histórico e cultural do Norte de Minas Gerais, que evidenciam a liberdade enquanto um de seus alicerces.

Segundo Gomes (2006), comunidades negras rurais se multiplicaram em várias regiões mesmo após o fim da escravidão no país. Elas se disseminaram nas últimas décadas de escravidão e avançaram após a abolição. Desse momento em diante, as representações de quilombos e quilombolas sofreram modificações a partir da nova representação social no país apresentada pela Constituição de 1988. Os novos entendimentos acerca de comunidades negras rurais, territórios negros, dentre outros, têm propiciado o desenvolvimento de um novo imaginário social dos “quilombos”, através de novas pesquisas, como esta, a fim de construir novas representações sobre essas comunidades. De certo, a oralidade preservada pelos quilombolas tem contribuído para preencher as lacunas da documentação oficial e até mesmo modificar as interpretações que se julgavam definidas.

Nesse panorama, comungando com estudos deste gênero, entende-se aqui que a Comunidade de Monte Alto deve ser entendida dentro do contexto presente e não apenas no passado. Aqui estão presentes seus costumes, valores e sentimentos de identificação coletiva entre si e com seu lugar. Certamente, são estes elementos que demandam pesquisas para que possamos compreender melhor seu cotidiano, mas também parte da nossa própria história. Assim, o método de associar a pesquisa documental com o depoimento dos quilombolas tem sido usado em estudos recentes como um instrumento eficaz para as investigações sobre as comunidades remanescentes atuais.

O uso da memória, especificamente no caso do reconhecimento de populações quilombolas, tem norteado o conhecimento da história de diversas comunidades, elucidando ainda o modo como suas práticas sociais e culturais vêm sendo reformuladas ao longo do tempo. Tem-se aqui a compreensão da memória enquanto discurso e, em face disso, como espaço da seleção daquilo que a representa e que a legitima. As comunidades tradicionais têm como ferramenta e dispositivo de poder o uso da memória coletiva, como aponta Halbwachs (1990), ao passo que esta é capaz de direcionar a escrita de suas reminiscências num espaço de luta pela tradição que só pode sobreviver coletivamente, haja vista que tem a incumbência de ratificar a identidade do grupo.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA:
IMPLICAÇÕES NO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

FEPEG

F Ó R U M
ENSINO • PESQUISA • EXTENSÃO • GESTÃO

REALIZAÇÃO:



APOIO:



ISSN: 1806-549X

As etapas já concluídas deste estudo em andamento mostram que Monte Alto é uma comunidade rural localizada a aproximadamente 42 (quarenta e dois) quilômetros da cidade de Montes Claros. Sua formação se deu em meados do ano de 1920, quando os primeiros habitantes construíram seus ranchos de varas e pau-a-pique, fixando moradia naquele espaço. Segundo relatório etnográfico apresentado para a certificação junto à Fundação dos Palmares, no século XX, quando a gripe espanhola se alastrou, vários ex-escravos chegaram ao Norte de Minas, vindos da região de Gorutuba, fugindo de uma fazenda na qual ainda viviam sob os moldes da escravidão. Eles perambulavam pelos matos em busca de abrigo nas serra. Primeiramente ficaram em Burarama, onde hoje se localiza a cidade de Capitão Enéas e posteriormente foram para a comunidade de Furado Grande, na zona rural de Montes Claros.

A vinda desse grupo para Montes Claros consta como tendo sido em 1920, após conseguirem com Manoel Souto a liberação de uma área em Furado Redondo, que fica perto de Furado Grande. Plantavam milho, fava, abóbora, mandioca, algodão, mamona, pinhão bravo para fazer sabão e azeite. O milho era usado para fazer o famoso angu com fava, bolo de fubá com café de fedegoso e rapadura, o algodão usavam para fazer suas próprias vestimentas, fabricando a linha com o fuso e a roda de fiar, tingindo com lama e cascas de árvores, e também para comercializar (os mais corajosos), assim como utensílios domésticos feitos de madeira (colher, pilão, gamela), brinquedos, violões, que eram vendidos ou trocados por aquilo que era necessário e eles não conseguiam produzir.

A prática de alguns desses artesanatos continua na comunidade, com os netos e bisnetos de seus fundadores. Da mesma forma, também foram repassados a fábrica de farinha de mandioca, farinha de milho e rapadura. Outra característica herdada dos antepassados refere-se às relações endogâmicas. No passado, a maioria dos integrantes da comunidade se casava com os primos, haja vista o medo de sair de seu território para conhecer outras pessoas, ademais, eles eram excluídos pelos vizinhos. Apenas na década de 1970 é que passaram a efetivar contatos sociais, a partir do momento em que receberam a visita de uma professora do então Mobral. Em 1974, representantes conseguiram uma autorização junto à Prefeitura para construir a escola. As obras foram finalizadas pelo então prefeito Antônio Lafeté Rebello, nascendo assim a escola municipal Lourenço Sampaio. Em 1986, a comunidade já contava com uma associação do local, que angariou benfeitorias como a Visão Mundial, Projeto São Vicente ainda um poço tubular. Após muitas negociações, o nome da comunidade deixou de ser Furado Redondo para se chamar Monte Alto.

Atualmente, lá residem mais de 48 (quarenta e oito) famílias associadas, que plantam cana, milho, mandioca, fava e feijão e que, portanto, vêm sofrendo com os efeitos da seca prolongada que atinge a região, comprometendo suas principais fontes de renda.

Conclusão/Conclusões/Considerações finais

Os resultados parciais permitem apenas a caracterização da comunidade, mas também propiciam o entendimento de que, tal qual afirma a literatura pesquisada, a memória tem grande importância para a comunidade remanescente de quilombo em questão, visto que aqueles integrantes não possuem sua história registrada por escrito. Para esta pesquisa interessa a memória de indivíduos enquanto parte de um grupo social, uma vez que por meio da rememoração dos fatos se refaz uma visão do passado a partir do presente. Sendo a memória elaborada no tempo histórico, como bem coloca Portelli (1996), o desafio mais notável remete não apenas à busca do mito de origem, dos aspectos referentes à história simbólica da comunidade em meio aos deslocamentos a que foram submetidos os relatos ao longo do tempo, mas está ligado também ao modo como essa construção se associa ao cotidiano atual da comunidade, sendo partilhada pelos membros da comunidade, instituindo assim os laços de pertencimento.

Destarte, existe nesse âmbito o imperativo de envolvimento de todos os integrantes em uma identidade coletiva que se fixa por meio de uma memória também coletiva, que por sua vez representa a essência da coesão social. Não obstante, o modo como essas relações implicam nas ressignificações e permanências das práticas sociais e culturais vivenciadas na comunidade só poderão ser melhor elucidadas a partir da conclusão da pesquisa.

Agradecimentos

Agradeço a CAPES e a UNIMONTES pelo apoio material e financeiro fornecido para a execução deste projeto.

Referências bibliográficas

- ARRUTI, José Maurício. **A Emergência dos “Remanescentes”**. Notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. MANA 3(2): 7-38, 2008.
- GOMES, Flávio dos Santos. **História de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HALBWACCS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- POLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista Estudos Históricos, vol. 2, nº 3, 1989, p.5. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br> >. Acesso em: 02/08/2018.
- PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): Mito, política, luto e senso comum**. IN: Marieta de Moraes Ferreira e Janáina Amado. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1996, p. 109.
- QUERINO, Augusto José. **Os sentidos do Sertão e o Escondimento da História Nortemineira**. Montes Claros: Revista Caminhos da História, v.10, 2006.
- REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.